

BIBIANO LUIS DJU

Estudante de curso de Letras na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

**TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS POR FALANTES DO CRIOULO
DA GUINÉ-BISSAU.**

KALINE ARAÚJO MENDES DE SOUZA

Professora Adjunta do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, orientadora deste trabalho.

**Redenção,
2018.**

RESUMO

Parte dos guineenses tem o crioulo como língua materna e aprendem o idioma como segunda ou terceira língua quando vão à escola. As dificuldades enfrentadas por eles, ao aprenderem a língua portuguesa, são uma realidade. Este trabalho objetivou investigar sobre essas dificuldades, dando ênfase às transferências linguísticas no processo da aprendizagem da língua portuguesa por falantes do crioulo da Guiné-Bissau. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter exploratório e bibliográfico, associada à aplicação de questionário. Os resultados obtidos indicam que os guineenses, ao estudarem a língua portuguesa como segunda língua, realizam a transferência do crioulo para português, notadamente a do tipo negativo que, segundo a transferência negativa ocorre quando vários aspectos da língua materna do aprendiz são diferentes da segunda língua, e isso dificulta a aprendizagem, enquanto que a transferência positiva acontece quando os aspectos da L1 e L2 são semelhantes, facilitando, assim, a aprendizagem. (Isurin, 2005).

Palavras-chave: Transferência linguística. Crioulo. Aprendizagem da língua portuguesa por guineenses.

ABSTRACT

Some Guineans have Creole as their mother tongue and learn the language as a second or third language when they go to school. The difficulties they face in learning the Portuguese language are a reality. This work aimed to investigate these difficulties, emphasizing the linguistic transferences in the process of learning the Portuguese language by native speakers of Guinea Bissau. For that, we carried out an exploratory and bibliographic research, associated with the application of a questionnaire. The results indicate that Guineans, when studying the Portuguese language as a second language, carry out the transfer of Creole to Portuguese, especially the negative type that, according to the negative transference occurs when several aspects of the mother tongue of the apprentice are different from the second language, and this makes learning difficult, while positive transference occurs when aspects of L1 and L2 are similar, thus facilitating learning. (Isurin, 2005).

Keywords: Linguistic transference. Creole. Learning the Portuguese language by Guineans.

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	5
1.1.	Tranferência Linguística: O Tema Em Questão	7
1.2.	Transferência Linguística: Foco Nas Ocorrências	10
1.3.	Transferência Linguística No Processo De Aprendizagem da Língua Portuguesa Por Guineeenses	12
2.	A Transferência Linguística Sob Análise Em Discussão	17
3.	Conclusão.....	20
4.	Referências Bibliográficas	21

1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país cuja língua nacional é o crioulo e a oficial é a portuguesa. Na situação atual em que essas línguas se encontram, nenhuma delas é língua materna da maioria da população do já referido país. No contexto sociolinguístico em questão, destacam-se certas línguas majoritárias e também étnicas, a saber: balanta, fula, mandinga e o papel (Embalo, 2008). Convém salientar que a língua crioula é a língua materna da maioria das pessoas que vivem na cidade Bissau, capital do país. Essas pessoas, ao irem para escola, estudam o idioma português como segunda língua, visto que esse idioma, na Guiné-Bissau, é usado nas instâncias formais, nas reuniões internacionais e nos documentos e é considerado a língua de ensino em todas as instituições, desde as escolas básicas até nos ensinos superiores (CA, 2015).

Diante da situação acima explicitada, um dos problemas que se coloca para esta pesquisa é saber se acontece a transferência linguística no processo da aprendizagem do português por falantes do idioma crioulo da Guiné-Bissau e, caso aconteça, se ocorre de forma positiva ou negativa.

No desenvolvimento do trabalho, procuraremos trazer as evidências a respeito dessas questões anteriormente mencionadas, apontando respostas observadas nos teóricos lidos e nos depoimentos de estudantes guineenses.

A língua materna é uma língua que se aprende em casa, com a família e na comunidade em que se vive e, conseqüentemente, se fala essa língua. Ela pode interferir no processo de aprendizagem de outros idiomas. Segundo Vilela (2009, p.24), a primeira língua tem papel fundamental na aquisição de outras, ou seja, aquelas adquiridas posteriormente. Na aquisição da primeira língua, o aprendiz cria certos costumes; na aprendizagem da segunda língua, ele transfere os hábitos que tinha criado na língua materna para a língua em aprendizado.

A teoria construtivista sustenta que a aprendizagem acontece através de estímulo, resposta, reforço e hábitos. Para essa corrente, a aprendizagem acontece

através da imitação e repetidamente. Também considera que, para aprender uma segunda língua, o aprendiz realiza uma transferência dos hábitos que já tem criado na sua primeira língua. Se os hábitos das duas línguas são similares, facilitará o aprendizado pelo aprendiz; no entanto, se ambas as línguas são distintas, isso dificultará o respectivo aprendizado.

A esse respeito, Fernandez (2005, p.23) comenta:

[...] a aprendizagem seria facilitada se as estruturas entre as duas línguas fossem semelhantes, caso contrário, se as estruturas entre duas línguas são diferentes, dificulta a aprendizagem. [...] (Fernandez, 2005p. 23). Tradução nossa.

Para profissionais da área de letras, é de grande valia discutir as questões relacionadas à transferência linguística juntamente com os alunos na sala de aula, mostrando-lhes que a língua materna tem influências no processo da aprendizagem da segunda língua, destacando as vantagens e desvantagens que ela apresenta nesses processos. As desvantagens, as quais muitos autores chamam transferência negativa, muitas vezes, são associadas à questão de erro. Como aponta Odlin, 1989 apud Vilela, 2009, a transferência negativa acontece quando as regras de língua materna e segunda língua divergem entre si e, frequentemente, conduzem o aprendiz ao chamado erro na produção. Cabe ao professor da segunda língua trabalhar estas questões com os alunos, de forma a ajudá-los a combater os erros, sendo ele conhecedor do sistema e do funcionamento da língua que está a ensinar.

Nesse sentido, as pesquisas já realizadas para compreender os problemas que acontecem no processo aprendizagem da segunda língua nos dão contribuição valiosa. Destacamos o trabalho de Vilela (2009), que trata da transferência linguística e do treinamento linguístico; o de Rocha (2012), que focaliza as traduções literais que acontecem na fala dos brasileiros aprendizes do inglês como segunda língua; o de Donaire (2013), que traz exemplos de transferência linguística encontrados em textos produzidos por falantes espanhóis que aprendem o inglês como segunda língua.

Consideramos que o estudo do tema “transferências linguísticas no processo da aprendizagem de português por falante do crioulo da Guiné-Bissau” contribuirá para uma melhor compreensão por parte dos guineenses estudantes da língua portuguesa como segunda língua, sobre as influências na interlíngua¹, bem como trará contribuições para o nosso campo de investigação.

1.1. TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA: O TEMA EM QUESTÃO

A transferência linguística começou a ser importante no ensino e aprendizagem de segunda língua nos anos quarenta. A corrente psicológica dominante, à época, chamada behaviorista, influenciou consideravelmente as teorias linguísticas que já existiam (Garcia González, 1998, p.182). O termo transferência teve sua origem psicológica no século XX, período em que os aprendizes usavam os saberes já obtidos como suporte para adquirirem novos saberes. O termo transferência refere-se a um processo psicológico em que o conhecimento que o aprendiz já tinha adquirido em outro momento é aplicado para o aprendizado de novos conhecimentos. (Gass & Selinker, 1994, p. 54 apud Vilela, 2009, p.24). O problema de aquisição da segunda língua não é causado por esta língua, mas pelo conjunto de hábitos criados na língua materna. Com base nessa concepção, surgiu a análise contrastiva (AC), com um papel central de fazer comparação entre as línguas. Procurava-se compreender quais são as áreas da linguística em que se encontram as facilidades e dificuldades de falantes duma determinada língua materna ao aprender uma nova língua. Lado, 1957, p.2 apud González,1998, p.182 assume que:

[...] quando um aluno entra em contato com uma língua estrangeira, encontrará umas características que são bastante fáceis e outras extremamente difíceis. Aqueles elementos que são similares a sua língua nativa serão simples para ele, e aqueles elementos que são diferentes serão difíceis. (Tradução nossa).

¹ Interlíngua é um processo intermediário entre a língua materna e segunda língua, ou seja, as etapas percorridas por um aprendiz que tem uma língua como nativa e está aprendendo outra língua. (Zaczek, 2012).

A transferência linguística é a influência da L1 que ocorre no processo do aprendizado de L2, ou seja, é quando encontramos os elementos da primeira língua na produção escrita e na fala dos aprendizes da segunda língua, como afirma (González, 1998, p.181), a seguir: “A este respeito, decidimos usar o termo transferência para se referir em um sentido amplo à influência e efeitos de L1 em L2 se eles se manifestam na forma de erros ou não.”. (Tradução nossa).

A transferência linguística não atinge somente a produção dos estudantes aprendizes da segunda língua e nem o aprendiz utiliza a primeira língua quando lhe falta a capacidade de resolver problemas na interlíngua; ela atinge tanto a escrita como a oralidade. Um exemplo claro se encontra no teste feito por estudantes brasileiros que aprendem o inglês como terceira língua (Freitas, Borges, 2013). Os resultados do estudo mostram que entre a escrita e a oralidade a influência da primeira língua sobre a segunda língua se verifica mais na oralidade do que na escrita porque os alunos, nos testes, levam em consideração a questão de formalidade da língua, conforme se lê: “Com relação ao resultado de que o número de casos de influência translinguística foi maior na tarefa oral do que na tarefa escrita, é possível que os participantes tenham percebido a tarefa escrita como sendo mais formal do que a tarefa oral.” (Freitas, Borges, 2013).

No tocante à semelhança e à diferença entre as línguas, surgem dois tipos de transferência: a transferência negativa e a transferência positiva. A transferência negativa acontece quando as regras da língua materna e da segunda língua divergem entre si, o que muitas vezes conduz o aprendiz ao chamado erro na produção. Na transferência positiva, segundo alguns autores já citados anteriormente, a língua materna tem um papel fundamental no aprendizado da segunda língua, uma vez que ajuda o aprendiz a adquirir outra língua com facilidade, isto é, quando essas línguas são semelhantes.

Não é possível garantir que acontece a transferência positiva só pelo fato de o aprendiz ter produzido de forma certa as estruturas da língua-alvo. Isso pode acontecer quando o aprendiz já atinge um ponto muito elevado da aprendizagem, ou seja, ele já domina todas as regras e todas as estruturas da língua que está aprendendo. De acordo com Odlin (1989, apud Vilela, 2009), “[...] nem sempre a produção de estruturas corretas na língua-alvo implica que houve transferência

positiva da L1. O autor argumenta que tais casos podem resultar, simplesmente, de o aprendiz ter tido uma exposição suficiente ao insumo linguístico”.

Embora tenham existido muitas pesquisas na área do ensino e aprendizagem da segunda língua, ainda não houve um consenso no que diz respeito a sua definição, isso tem causado maiores problemas nesse campo. Jarvis, 2000 apud Vilela, 2009 aponta que “[...] apesar do crescente número de trabalhos sobre a influência de língua materna na aquisição de língua estrangeira, a área ainda enfrenta grandes problemas, tais como a falta de uma definição consensual do que seja o fenômeno”. Para demonstrar essa evidência, traremos algumas percepções distintas do que seria a transferência.

Para os behavioristas, na aquisição da segunda língua, o termo transferência era considerado como transferência dos hábitos obtidos na língua adquirida anteriormente para qualquer outra língua em aprendizado, com foco em fazer comparações das proximidades e das diferenças entre a língua materna e segunda língua. Como aponta Vilela (2009, p.30): “No contexto da pesquisa behaviorista em ASL, o termo significava a transferência de hábitos da língua materna para o sistema linguístico em desenvolvimento.” Para Odlin 1989, p.25 apud Vilela, 2009, p.34, a transferência é a influência que provém das semelhanças e diferenças entre segunda língua e qualquer outra língua adquirida anteriormente.

Ainda a respeito do fenômeno da transferência linguística, Donaire (2013, p.44) assim se coloca:

[...]transferência linguística foi um termo usado para referir-se aos erros produzidos pelos estudantes de segunda ou de terceira língua, cujas características são mais parecidas com a gramáticas das primeiras línguas com os idiomas que já foram adquiridos. (Tradução nossa).

Como visto, os conceitos sobre o fenômeno em estudo nem sempre são coincidentes. Não há um consenso entre os autores, estudiosos e pesquisadores da área acerca do processo de aquisição da língua materna e o seu papel no aprendizado das línguas adquiridas posteriormente.

1.2. TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA: FOCO NAS OCORRÊNCIAS

Já foram muitas as pesquisas feitas para perceber o fenômeno em estudo no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Com base nas obras de Freitas, Borges, (2013) e, depois, na de Donaire (2013), trazemos exemplos de transferência linguística encontrados em textos produzidos por aprendizes do inglês como segunda língua.

Nas obras referidas, a transferência linguística é tratada levando-se em conta categorias gramaticais de ordem sintática e morfológica, tais como: sujeitos, adjetivos, artigos e verbos.

O primeiro caso de transferência que recortamos do estudo realizado por Freitas; Borges (2013), diz respeito ao adjetivo. A forma de concordância do adjetivo, em língua portuguesa, foi transferida para o inglês, sendo que, em inglês, o adjetivo não sofre flexão para concordar com o gênero e número. Vejamos: ***“The dog let the bees angries.”*** (***“O cachorro deixou as abelhas bravas.”***) Como se observa, o aprendiz transferiu o adjetivo para o inglês sem perceber que, em inglês, o adjetivo *angry* se mantém na sua forma original, tanto para designar singular como o plural. Em português, os substantivos precedem os adjetivos, ao passo que em inglês os adjetivos antecedem o substantivo, como apontam Freitas; Borges (2013): ***“He saw a little animal angry.”*** (***Ele viu um animalzinho bravo.***). Os aprendizes do idioma inglês, ao fazerem a estrutura substantivo-adjetivo de uma sentença em inglês, transferiram a estrutura do português “animal angry”, que significa “animalzinho bravo”, sem levar em conta que, em inglês, os adjetivos precedem os substantivos: “angry animal”.

No que concerne ao artigo definido, em inglês, não se usa o artigo definido precedendo um pronome possessivo, como acontece em português, mas os aprendizes do inglês fizeram essa transferência do português para o inglês, colocando o artigo definido antes do pronome possessivo, conforme (Freitas; Borges 2013, p.7) destacam: ***“Was the your job.”*** (***O teu trabalho***). Como vimos no exemplo

anterior, o artigo definido o precede o pronome possessivo ‘teu’ e foi transferido para o inglês *the* precedido de “your”, o que não funciona em inglês.

Outro exemplo que destacamos tem a ver com a influência da L1 verificada na classe de palavras, no caso, o verbo. O verbo ouvir, em português, é um verbo transitivo direto, que não requer preposição. No entanto, em inglês, o verbo *listen*, que significa ouvir em português, é preposicional. Os alunos falantes de português, ao usarem esse verbo em inglês, utilizaram-no sem a proposição, do modo como se usa em português: “*He **listened** some noise from behind the dead tree. (Ele **ouviu** algum barulho detrás da árvore morta)*” (Freitas; Borges, 2013,p.8). Aqui, nesse exemplo, o verbo *listen* não é utilizado com preposição “listen to”, como em inglês, devido à transferência que foi feita da L1 do estudante, na qual o verbo ouvir não é preposicional.

Os pronomes possessivos *tua* e *sua*, em português, são usados para designar a segunda pessoa de singular, mas, em inglês, é diferente. O pronome *your* é usado para designar tanto a segunda pessoa de singular como a segunda pessoa do plural. E os pronomes *his* e *her* são usados para designar terceira pessoa do singular. O aprendiz, cuja língua materna é o português, ao usar esse pronome em inglês, ao invés de usar *his* ou *her*, usou *your* para designar a terceira pessoa de singular. Vejamos:

*Asgard is the kingdom where Thor lives with **your** family. (Asgard é o reino onde Thor vive com **sua** família)* Certamente, esta foi a categoria gramatical, em que houve uma maior influência da L1 dos participantes. Nesta categoria, os participantes foram influenciados pela L1, utilizando o pronome *your* ao invés de utilizar *his/her* [...]. (Freitas; Borges 2013, p.8).

Passemos, agora, a observar o fenômeno da transferência linguística nas produções de falantes de espanhol aprendentes de inglês. Em espanhol, para se dizer a idade, utiliza-se o verbo “tener”, já em inglês não se usa o verbo “to have” para dizer a idade, mas, sim, o verbo “to be”, que significa “ser” ou “estar”. Então, os estudantes espanhóis, aprendizes do inglês como segunda língua, transferem o verbo “tener” para dizer a idade em inglês, como se verifica no trecho a seguir:

I have 24 (IL); yo tengo 24 (L1); I am 24 years old “o exemplo de (L2) acima mostra claro a transferencia linguística semântico do uso de verbo “ter” que na sua tradução signifca verbo “have” o que é um erro semântico porque em inglês o verbo que é usado para falar da idade é o verso “ser “. (Donaire, 2013 p.100)

Como já afirmamos neste trabalho, quando a língua do aprendiz difere estruturalmente daquela que ele estuda como segunda, tende a acontecer a transferência negativa; foi o que se observou com os estudantes espanhóis aprendizes do inglês como segunda língua. Em espanhol, na estrutura sintática, o substantivo precede o adjetivo, mas em inglês acontece de forma diferente, os adjetivos precedem os substantivos: “My artist favorite is chino y Nacho (IL); Mi artista favorito es Chino y Nancho (L1); My favorite artists are Chino and Nacho (L2).” (Donaire, 2013, p. 102).

1.3. TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA POR GUINEEENSES

Nessa seção, apresentaremos o contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau e, em seguida, traremos as contribuições dos estudantes guineenses a respeito da transferência linguística no processo de aprendizagem do português, com foco nas pessoas que têm o crioulo como língua materna.

O crioulo surgiu em Cabo verde devido ao contato entre várias pessoas que eram levadas para Cabo-Verde como escravos, pessoas de costumes, culturas e línguas diferentes. Em 1462, Cabo Verde era inabitado e servia de caminho de passagem para escravizados. Nessa época ainda não havia sido delimitado o território, Guiné era a denominação que se dava para os países que temos hoje como Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné- Conacri e Serra Leoa.

Pessoas saíam dessas regiões com as suas línguas étnicas, eram levadas para Cabo Verde para depois serem distribuídas para as Américas. Na tentativa dessas pessoas entrarem em contato entre si, surgia o ‘pidgin’, uma língua de contato, que não se tornou língua materna de ninguém. E, na tentativa de essas

peças tentarem se entender com o colonizador, surgiu o crioulo, tido como a fase “melhorada” do pidgin².

Na mesma linha de pensamento, Trajano (2003, p.2) afirma que o crioulo de base portuguesa, falado hoje em países como Guiné-Bissau, no sul do Senegal e nas ilhas de Cabo Verde, surgiu depois que o pidgin se consolidou; sua origem se deu na África ocidental e seu surgimento ocorreu através de contatos entre povos de diferentes culturas com as suas línguas próprias.

É muito importante, quando hoje falamos do crioulo, lembrar-nos do pidgin, pois faz parte da história de surgimento do idioma crioulo. Segundo Cauto, 1996, p.17 apud Dias Silva, 2008, p.16, o pidgin não é a língua materna, só é usado como língua de contato dos falantes da língua mutuamente ininteligível para um de uma comunidade de fala para outro.

Antes de voltarmos ao tema da transferência linguística, convém assinalar uma importante característica do cenário sociolinguístico da Guiné-Bissau. Como dito anteriormente, nesse país, o crioulo convive com outras línguas que são as línguas étnicas. Portanto, há guineenses que não têm o crioulo como língua materna. Esse papel é ocupado pelas línguas étnicas. Assim, pela necessidade de se comunicar com outras pessoas, aqueles que têm as línguas étnicas como a língua materna, aprendem o crioulo como segunda língua e, ao entrarem na escola para se alfabetizar, estudam português como a terceira língua. Desta forma, para os guineenses, o português pode ser tanto a segunda como a terceira língua.

Para melhor entender o tema da transferência linguística, especialmente da interferência do crioulo da Guiné-Bissau na aprendizagem de português por guineenses, consideramos que seria relevante questionarmos os próprios aprendizes a respeito desse processo. Para tanto, elaboramos um questionário, composto de duas questões (a primeira delas com desdobramento), a saber: (1) **Você acredita que a sua língua materna interferiu no processo de**

² Pidgin é uma língua de contato entre pessoas que têm línguas diferentes. É a língua que nasce quando se encontra pessoas de comunidades e línguas distintas que tentam entrar em contato entre si. (Holm, 1993 apud Silva, 2008).

aprendizagem da sua segunda língua? Se sim, como? (2) Quais foram as dificuldades e facilidades encontradas no processo de aprendizagem da língua portuguesa?

Aplicamos o instrumento com estudantes guineenses graduandos do curso de Letras/ Língua Portuguesa da UNILAB. Seis discentes colaboraram para a pesquisa.

A seguir, apresentamos o produto da aplicação do questionário.

PERGUNTA 1	
Você acredita que a sua língua materna interferiu no processo de aprendizagem do português? Se sim, como?	
Estudante 1	Sim, por exemplo, até hoje, às vezes, tenho dificuldades em pronunciar algumas letras do português, sobretudo, j e z [...]. Quanto à língua portuguesa, às vezes, não faço a concordância do gênero, isso está ligado com língua crioula, uma vez que, concordância de gênero não ocorria nessa língua.
Estudante 2	Interferiu sim, sobretudo na concordância do gênero e número, pois a minha língua materna não marca nem o gênero e nem o número.
Estudante 3	Claro que tem uma interferência da minha língua materna no processo de aprendizagem da segunda língua, sobretudo no nível fonológico, porquanto, muitas das vezes, apresento dificuldade no som de “g” com “j”.
Estudante 4	Sim, a minha língua me auxiliou na compreensão dos códigos linguísticos das outras línguas. Sobre a aprendizagem das línguas que foram comunicadas, fazia a tradução dos vocábulos da primeira para segunda língua. Esse processo tem me ajudado desde cedo a fazer outras línguas ditas segundas.
Resposta 5	Sim, na compreensão e interpretação dos textos e explicação de professor, porque quando não entendia a explicação em português o meu professor explicava tudo em crioulo. Também nos meus

Estudante 6	primeiros momentos na escola, os meus professores falavam crioulo comigo, e isso fazia com que eu prestasse bastante atenção nas aulas e ajudava-me a entender o que ele estava a falar. Sim. Porque ao aprender a segunda língua, primeiramente a pessoa pensa na sua língua materna para depois traduzir na segunda. Também no processo do aprendizado do português sempre que o indivíduo não entendeu a explicação da matéria o professor/a recorria à língua materna para melhor fazer o aluno compreender.
PERGUNTA 2	
Quais foram as dificuldades e as facilidades encontradas no processo de aprendizagem do português?	
Estudante 1	No momento de apreendizado do português deparei com várias dificuldades, porque não tinha parâmetros dessa língua ainda, além disso, comecei a estudar muito tarde, então não conseguia compreender bem a explicação em português, por isso, o professor era obrigado a explicar em crioulo para que eu pudesse compreender [...].
Estudante 2	Tive dificuldades na pronúncia de certas palavras, também na forma de marcação de gênero e número, ou seja, a concordância do gênero e número.
Estudante 3	A minha dificuldade em aprender o português como segunda língua assenta-se em seguinte modo: há palavras na minha língua materna que não existem em português. Para compreensão do português, fui obrigado a estudar palavra por palavra para depois construir a frase em português seguindo com a elaboração textual. A facilidade que tive em aprender o português basea-se na relação que o português tem com crioulo.
Estudante 4	Falando das dificuldades que eu encontro no processo de aprendizagem do português como segunda língua é enorme, visto que, português, na minha língua materna, logo no meu primeiro

	contato com ele na escola, é ensinado como a minha segunda língua, os materiais didáticos usados para me ensinar português não contemplam o meu perfil, também a formação precária dos professores de português, tudo isso consequenciou numa enorme dificuldade a mim no processo aprendizagem de português. [...]
Estudante 5	As dificuldades encontradas dizem respeito ao ensino de gramática, pois eu decorava tudo, mas não sabia usar no lugar certo.
Estudante 6	Não tive tanta dificuldade, mas nos primeiros momentos tive dificuldade na compreensão desta língua e com ajuda do professor tudo melhorou. A facilidade é que tive uma boa base e isso me ajudou muito na leitura e compreensão do português.

2. A TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA SOB ANÁLISE EM DISCUSSÃO

Nesta seção, realizamos a análise e a discussão de dados.

As respostas obtidas com a aplicação do questionário evidenciam que acontece a transferência do crioulo no processo de aprendizagem do português como segunda língua. No total das pessoas entrevistadas, 100% dessas afirmaram que ocorre a interferência do crioulo na Guiné-Bissau no processo de aprendizagem do português.

Diante desse cenário, julgamos que a língua materna tem papel fundamental no processo de aprendizagem da segunda língua, visto que, ao aprender a segunda língua, os estudantes apoiam-se na língua materna para preencher as lacunas da segunda língua e as barreiras nela encontradas.

O ensino da gramática na instrução e aprendizagem da língua portuguesa na Guiné-Bissau foi visto como negativo porque os professores ministram a gramática fazendo os alunos memorizarem as regras gramaticais, sem que saibam usá-las na hora da comunicação efetiva. A gramática não é língua, mas sim uma parte da língua que estabelece as regras.

a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos (que tem um significante e um significado); deixa de ser apenas um conjunto de regras ou um conjunto de frases gramaticais, para se definir como um fenômeno social, como uma prática de atuação interativa, dependente da cultura de seus usuários, no sentido mais amplo da palavra. Assim, a língua assume um caráter político, um caráter histórico e sociocultural, que ultrapassa em muito o conjunto de suas determinações internas, ainda que consistentes e sistemáticas. (Antunes, 2009, p.21; Nomone e Timbane, 2017, p.42).

Nas entrevistas, um dado que merece destaque diz respeito ao uso da língua materna nas aulas do idioma português como segunda língua. A língua materna, no depoimento dos estudantes, é apontada como um caminho para facilitar a aprendizagem da segunda língua em sala de aula.

Consideramos ser importante que o professor traga explicação na língua materna dos alunos para ajudá-los a compreender os assuntos tratados em sala de aula, o que corrobora o dizer de Harbord, 1992; Atkinson, 1987 apud Rocha, 2012, p.83. Para os autores, vale utilizar “[...] estratégias que auxiliem o aprendizado da língua estrangeira, como o uso da língua materna em sala de aula para dar instruções, esclarecer dúvidas de vocabulário, explicar estruturas gramaticais, checar compreensão, entre outras”.

Entre a língua crioula e a língua portuguesa há diferenças consideráveis; essas diferenças se verificam no campo da fonética, da morfologia e da sintaxe. Observemos o caso, em destaque, na fala de um dos estudantes entrevistados na pesquisa, o estudante 2, que diz: “Tive dificuldades na pronúncia de certas palavras, também na forma de marcação gênero e número, ou seja, a concordância do gênero e número.” Conforme salientam Teixeira e Soares (2012, p.26), a “[...] influência linguística é observada na interlíngua do aprendiz, sob várias formas, tais como a inventividade lexical, o erro na marcação do gênero ou o uso de estruturas sintáticas canônicas da L1.”

Concordância de gênero foi apontada como um dos elementos que dificulta o aprendizado porque a língua crioula é diferente da língua portuguesa no que diz respeito ao gênero. Existem muitas palavras em crioulo que se usa tanto para designar masculino como para falar do feminino; o crioulo é uma língua em que acontece pouca concordância de gênero enquanto que o português é uma língua em que ocorre a concordância de gênero necessariamente. Segundo Lucchesi, 2009, p.304 “É assim com os demonstrativos ‘es’ este/esse e ‘kil’ aquele bem como os pronomes possessivos-nya (1ª pess. sig.), bo (2ª pess. sig.), si (3ª pess. sig), no (1ª pess. pl.) bo (2ª pess. pl.) se (3ª pess. pl.) [...]”. Verifica-se na citação acima que algumas palavras em crioulo são usadas tanto para masculino como para o feminino, como podemos ver que o pronome demonstrativo “es” significa (este ou esta e esse ou essa); “kil” significa (aquele ou aquela), o que ocorre também com os pronomes possessivos, a saber: nya (meu/minha), bo (teu/tua), si (dele/dela), no (nosso/nossa), bo (vosso/vossa) e, se (deles/delas).

Em outro trecho das entrevistas, constatamos que os guineenses se deparam com dificuldades de diversas ordens no processo de aprendizagem de língua portuguesa, tais como a ausência de parâmetros acerca da língua-alvo e o estudo tardio do idioma, como se pode ler na sequência:

No momento de aprendizado do português deparei com várias dificuldades, porque não tinha parâmetros dessa língua ainda, além disso, comecei a estudar muito tarde, então não conseguia compreender bem a explicação em português, por isso, o professor era obrigado explicar em crioulo para que eu possa compreender [...] (Estudante 1).

De modo geral, as respostas obtidas com a aplicação dos questionários sugerem que as dificuldades no processo do aprendizado da língua portuguesa por guineenses falantes da língua crioulo podem ter relação com o fato de essas línguas serem, tipologicamente, distantes. A esse respeito, González (1998) comenta que, no processo de aprendizagem da segunda língua, há uma tendência de haver mais dificuldades quando as duas línguas são distintas, em termos da estrutura e do sistema linguístico das duas línguas. Ocorre justamente o contrário quando as duas línguas são semelhantes. As semelhanças, nesse caso, são associadas à transferência positiva e às particularidades, à transferência negativa.

3. CONCLUSÃO

Com base nos dados obtidos na pesquisa, é possível afirmar que há, no processo da aprendizagem da língua portuguesa por falantes da língua crioula da Guiné-Bissau a transferência linguística, compreendida por nós como transferência dos hábitos criados na aquisição da língua materna que, ao aprender outra língua, o aprendiz transfere esses hábitos criados no processo de aquisição da língua materna para segunda língua.

Constatamos que o crioulo interfere no processo da aprendizagem do idioma português por estudantes guineenses. As interferências estão relacionadas aos campos da fonética, do léxico e a alguns fatores de ordem morfossintático, como, por exemplo: número e gênero.

Verificamos, a partir dos relatos de estudantes guineenses, que a transferência negativa prevalece sobre a positiva, o que contribui para que essas pessoas apresentem dificuldades consideráveis ao aprenderem a língua portuguesa. Atribuímos essa ocorrência à distância tipológica entre o crioulo da Guiné-Bissau e o idioma português.

Assim, acreditamos ser importante investir em pesquisas que possam mapear as barreiras enfrentadas por estudantes guineenses cuja língua materna é o crioulo e que aprendem o português como segunda língua, de modo a ser possível criar estratégias de ensino facilitadoras dessa aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CA, Virginia Jose Baptista. Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau. 2015.

DONAIRE, Oscar Caceres; **La transferencia lingüística del Español en el desarrollo de la escritura del ingles en estudiantes del I nivel de la Universidad Jose Cecilio del Valle de Comayagua**. 2013. Tese de Doutorado.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 18, n. 1, p. 101-107, 2008.

FERNÁNDEZ, Sonsoles. **Presentación y descripción lingüística**. In: Interlengua y análisis de errores: en el aprendizaje del español como lengua extranjera. 2005, p.13-38

FREITAS, Pereira Toassi Pâmela; BORGES, Mota Mailce. Transferência linguística no nível sintático na produção do inglês como terceira língua. **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, n. 21, 2013.

GONZALÉZ, García José Enrique. Estudio descriptivo del papel de la transferencia lingüística en la adquisición de la L2: principales aportaciones teóricas de la segunda mitad del siglo XX. **Philologia hispalensis (1998, Vol. 12, Pag. 179-194)**, 1998.

ISURIN, Ludmila. Cross linguistic transfer in word order: Evidence from L1 forgetting and L2 acquisition. In: **Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism**. 2005. p. 1115-1130.

LUCCHESI, D. **A concordância de gênero**. In LUCCHESI.D., BAXTER,A., and RIBEIRO, I., orgs. O Portuguese afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA,2009,pp. 295-318.ISBN 978-85-232-08-75-2. Available from Scielo books<http://books.scielo.org>.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. **Mandinga-Revista de Estudos Linguísticos (ISSN: 2526-3455)**, v. 1, n. 1, p. 39-57, 2017.

ROCHA, Natanael F. França. Tradução literal e aprendizagem de línguas estrangeiras: uma estratégia para memorização. **In-Traduções Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC**, v. 3, n. 5, p. 81-93, 2012.

SILVA, Marilu Dias. **Há artigo no crioulo cabo verde, variedade Santiago?** 2008.167f(Mestrado em letras) - faculdade de letras, São Paulo.

TEIXEIRA, Elisângela Nogueira; SOARES, Maria Elias. Aspectos relevantes sobre a aprendizagem de uma terceira língua. **Revista de Letras**, v. 1, n. 31, 2012.

TRAJANO, Filho Wilson. **Uma experiência singular de crioulaização.** Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2003.

VILELA, ACS. **Transferência linguística e transferência de treinamento na interlíngua do falante de português-L1/Inglês-L2. 2009.** 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)-Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009. [Links].

ZACZEK, Malgorzata. **A língua portuguesa para falantes de polaco: transferência da língua nativa para a língua estrangeira em processo de aprendizagem: o erro lexical e o erro gramatical.** 2012. Dissertação de Mestrado.